

A sociedade e a vivência digital: das *lan houses* às *lan* escolas, rumo a cidadania e a cibercidadania

Patrícia Justo Moreira
Ademilde Silveira Sartori

Resumo

A sociedade contemporânea vivencia constantes e profundas transformações que se processam em simultaneidade, motivadas por diferentes fatores que alteraram algumas formas de se estar junto, interagir e se comunicar no âmbito da vida cotidiana de muitos. Muitos jovens adolescentes brasileiros buscam sua participação no âmbito do digital frequentando comércios denominados *lan houses*. Com base na pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina podemos investigar acerca dos usos desses estabelecimentos comerciais por parte de jovens estudantes dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública situada em Florianópolis. Amparando-se em teóricos como Maffesoli, Paulo Freire, Martín-Barbero e Ismar Soares e analisando as falas desses estudantes podemos compreender a falta de conexão e relação entre os usos das tecnologias digitais por parte desses jovens e as relações escolares e pedagógicas na contemporaneidade quando da inserção dessas tecnologias nas escolas. Esta investigação nos demonstra que é necessário se repensar a inserção dessas tecnologias digitais na escola, bem como seus usos a fim de tornar esse ambiente mais democrático, dialógico e educacional, e assim transformar a escola atual em uma *lan* escola.

Introdução

Muito se discute acerca do direito de acesso às tecnologias digitais (TD). Esta pauta de inclusão, que é política, econômica, social e cultural, passa, sobretudo, pelas questões direcionadas a educação formal e ao papel da escolarização na sociedade contemporânea.

As TD fazem parte dos cotidianos de muitas pessoas no mundo. Trata-se de uma experiência sensível sedutora que mescla prazer, encantamento, curiosidade, acesso a informações diversas, facilidade de comunicação, muitas possibilidades expressivas, com uma gama de possibilidades participativas.

De acordo com Martín-Barbero (2003), a comunicação é percebida como o cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários a partir dos quais as pessoas representam aquilo que temem ou que têm direito de esperar, seus medos e suas esperanças. Hoje, em contato com as TD, os jovens se apropriam e constroem parte deste ambiente, utilizando as possibilidades que dispõem e contribuindo, assim, para a constituição da cibercultura, criando novas formas de 'estar junto', de se comunicar e, portanto, de 'ser' e 'estar' nos tempos atuais. Ao demarcar um local, uma rede entrelaçada de significados e de maneiras variadas de fazer no espaço virtual, estes jovens constituem e são constituídos por estes ambientes, além de apresentam práticas sociais que se caracterizam pelas novas formas de socialidade.

Utilizamos, neste estudo, o termo socialidade de acordo com o sociólogo francês Michel Maffesoli (2004). Para este autor, existem momentos de uma determinada sociedade que uma forma vai exprimir melhor uma determinada cultura. Assim foi, por exemplo, a forma institucionalizada da modernidade. Em outras, como na sociedade contemporânea, é a socialidade, logo: o não institucional e o tribal é que se sobressai. A socialidade contemporânea vai se estabelecer, então, como um politeísmo de valores onde "atuamos" desempenhando papéis, agindo numa verdadeira "teatralidade cotidiana". O estar junto agrega determinado corpo social. Assim, é a socialidade que faz a sociedade. A socialidade está nessa multiplicidade de experiências coletivas do cotidiano e encontra sua força na astúcia das massas, marcada por uma espécie de passividade ativa, intersticial, subversiva.

Ainda para Maffesoli (2004), a noção de socialidade está instaurada no cotidiano entre os sujeitos, está implícita na comunicação e, portanto, nas relações sociais. Tais práticas promovem um entrelaçamento social mediante o estar junto compartilhando interesses comuns, o que estabelece uma identidade coletiva. Desta forma, muitas possibilidades de identificação surgem em espaços de socialidades. A Internet, por exemplo, representa, dentre outras questões, um

espaço de convergência de diversas “tribos”. A socialidade contemporânea aparece nas práticas cotidianas. São momentos de despesas improdutivas, momentos em que passamos da submissão à razão à emoção de viver o ‘estar junto’, uma incrível pulsão de se reunir, se encontrar, se dar ao outro, se agregar – uma maneira não convencional de ser ou pertencer, um imaginário coletivo. Ainda de acordo com Maffesoli (2004), os agrupamentos urbanos, festas e rituais, moda, tecnologia, mensagens de computador, mega-eventos esportivos etc. são exemplos de socialidade da sociedade contemporânea. Dentre outros, podemos acrescentar, ainda, o ciberespaço e as *lan houses*, como espaços não institucionais que agregam pessoas com afinidades comuns. Também a Escola, que embora seja uma instituição educacional, promove um ambiente de socialidade quando os sujeitos se reúnem por afinidades pessoais e não porque estão na mesma sala de aula, ou na mesma escola. Isso pode ocorrer no percurso de ida ou de volta para escola, nos intervalos, na hora do lanche e mesmo em sala de aula, motivados por identificações e não por relações institucionalizadas.

Neste sentido, refletimos sobre o papel da Escola neste contexto. Qual seria o seu papel para este momento paradigmático em que se sobressai a socialidade e o ciberespaço na vida de grande parte destes jovens estudantes?

De acordo com Martín-Barbero (1998), a Escola deve incorporar um trabalho que contemple a interação com os novos campos de experiência surgidos desta reorganização dos saberes, dos fluxos de informações, das redes de intercâmbio, mas não apenas para formar consumidores contumazes e sim sujeitos em sintonia com as linguagens do presente, que dialoguem, em seu interior, com as novas possibilidades de conhecimento. A Escola deve contemplar experiências culturais heterogêneas, o entorno das TD, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto.

As *lan houses* ainda são, para muitos jovens no Brasil, um dos poucos ou único local de acesso a computadores e à Internet. As escolas públicas estão cada vez mais equipadas, possibilitando também tais acessos, o que é um grande ganho para nossas crianças, jovens e adultos estudantes. Contudo, as metodologias de utilização desses equipamentos têm, em grande parte das vezes, restringido o protagonismo, não possibilitando o exercício da autonomia, da criatividade, da interatividade e da inventividade dos alunos. Com o uso das TD, pode-se promover muito mais do que cópias, memorizações e repetições. Podem-se desenvolver práticas protagônicas que exercitam o senso crítico e que possibilitam ir além das expectativas dos professores em relação à criatividade e o aprendizado.

A Educação é um dos meios pelo quais se torna possível que o próprio ser humano se perceba enquanto sujeito da sua própria história, um sujeito inconcluso e consciente disso, e isso pode acontecer através de relações dialógicas, por meio do exercício de diálogos que conduzam a uma consciência crítica e a uma transformação dos sujeitos e do mundo. A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (FREIRE, 1979, p. 69).

Das *Lan houses* às *Lan Escolas*: rumo à cibercidadania

As *lan houses* não servem somente como local de acesso à Internet, elas servem, principalmente, como um ponto de encontro entre jovens. É uma espécie de “tribo” das *lan houses*, na qual a experiência do outro fundamenta essa parceria e uma “nebulosa afetual” se instaura devido a finalidades comuns. Mesmo que, às vezes, os frequentadores não se conheçam de fato, sabem que existe algo em comum entre eles.

O ‘estar junto’, além de ser uma forte característica do mundo dos jovens contemporâneos, é fator fundamental para sua socialidade. Neste sentido, o “fenômeno das *lan houses*” no Brasil é impulsionado também pelo interesse dos sujeitos em ‘compartilhar’ emoções, pensamentos, idéias e aprendizagens, uma

'nebulosa afetual' expressa em uma união que não significa uma presença plena no outro, mas antes estabelece uma relação oca, ou seja, na massa nos cruzamos, nos roçamos, nos tocamos, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam (MAFFESOLI, 2004, p. 128).

A Internet é vetor de agregação para muitos desses jovens que se reconhecem pelo uso das tecnologias digitais. Trata-se de uma estética, ou seja, uma forma de experimentar em comum: na *lan house*, todos estão, de certa forma, 'identificados', lá todos são usuários do ciberespaço, trata-se de uma cena que é comum a todos, como nos diz Maffesoli (2004, p. 134).

Neste percurso investigativo, verificamos que a emergência do fenômeno das *lan houses*, no caso dos jovens adolescentes estudantes de escola pública de Florianópolis, está permeada por outro fenômeno denominado por Maffesoli como socialidade. Destacamos que tanto no ambiente físico da *lan house* quanto no virtual, o 'estar junto', o compartilhar interesses comuns mostra-se de grande importância para a vida destes sujeitos. Os *sites* de relacionamentos e os jogos *online* foram apresentados pelos jovens pesquisados como sendo os mais utilizados e é neste uso que se reforçam os laços sociais.

A educomunicação pode ser um caminho possível para a reformulação dos usos pedagógicos das TD, pois a partir das ações educativas críticas, dialógicas e participativas, pode-se estimular novos usos, mais críticos, criativos e com vistas à construção de novos conhecimentos. O potencial educativo e comunicativo de nossos jovens estudantes, bem como das TD, pode ser melhor explorado, aplicado e ampliado. Tornar o processo de ensino-aprendizagem com inserção das TD mais interativo, dialógico, motivador, participativo, criativo e, sobretudo, crítico pode ser uma alternativa de transformação das práticas pedagógicas, e por consequência, da vida de todos os envolvidos.

Considerações finais

Buscamos demonstrar que a socialidade percebida por meio das relações interpessoais que permeia o cotidiano juvenil no uso das *lan house* e da Internet traz significativas questões para repensarmos algumas práticas educacionais institucionalizadas.

A educação digital das crianças, sendo promovida e orientada na escola desde os primeiros anos escolares e conjuntamente com o apoio e supervisão dos pais/responsáveis, trará frutos significativos para uma utilização mais crítica e consciente das tecnologias digitais. Transformar a Escola atual em uma *lan* escola, no sentido de proporcionar mais acesso às TD e promover o desenvolvimento de um uso interativo, criativo, autônomo e crítico, permitindo o explorar, o tocar, o sentir, o criar, e o compartilhar desde cedo, com responsabilidade e segurança, por ser orientado por ações pedagógicas, representaria um avanço efetivo na aplicação de uma diferente concepção de educação. Perceber a relação entre educação e comunicação e aplicar ações pedagógicas voltadas a essa visão educacional torna-se um caminho possível para a construção de novos ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e participativos dentro e fora da escola.

Neste sentido, a *Lan* Escola seria um espaço de maior interação, comunicação e, principalmente, autonomia responsável dentro da escola, pois ter acesso aos bens tecnológicos digitais é uma forma de igualdade de possibilidades que deve ser promovida pelas instituições educacionais públicas, mas o mais primordial é promover o pensamento crítico, a dialogicidade e a participação nas tomadas de decisões de modo geral, pois dessa forma se torna possível que a educação seja de fato um ato político consciente, e não um mero e eficaz aparelho ideológico de Estado, como destacou Althusser (), ou em nosso caso contemporâneo do Sistema Capitalista neoliberal, mas sim um instrumento para a

libertação, para a conscientização para a não opressão, como diz Freire (2005). A educomunicação prima por este último.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 41.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MAFFESOLI, M. **O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas Sociedades de Massa**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. Cidade Virtual: Novos cenários da Comunicação. **Revista Comunicação e Educação**, n 11. São Paulo: Moderna, 1998, p. 53-67.

_____. Globalização comunicacional e transformação cultural. In MORAES, D. de. (Org). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronaldo Polito, Sérgio Alcides. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

_____. Heredando El futuro: Pensar La educación desde La comunicación. **Revista C&E cultura e educación**, n.9, 1998, p.17-36.

Autores



Ademilde Silveira Sartori é Licenciada em Física pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, especialista em Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal de Juiz de Fora, doutorou-se em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Atualmente coordena o Laboratório de Mídias e Práticas Educativas- LAMPE/FAED/UDESC. É líder do Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologia CNPq/UDESC e vice-líder do Grupo de Pesquisa EDUSEX Formação de educadores e educação sexual CNPq/UDESC. E membro fundadora da Associação Brasileira de Educomunicação. Contato: ademildesartori@gmail.com.



Patrícia Justo Moreira é doutoranda em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina com bolsa CAPES, sob orientação da Dra. Ademilde Silveira Sartori. Possui mestrado em Educação (2010) na linha Educação, Comunicação e Tecnologia e é Pedagoga pela mesma instituição (2007). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em tecnologia educacional e formação de professores. Integra o grupo de pesquisa Educação, Comunicação, e Tecnologia, do Laboratório de Mídias e Práticas Educativas - LAMPE/FAED/UDESC, sob coordenação da Dra. Ademilde Sartori. É membro da Associação Brasileira de Educomunicação. Contato: patriciajusto.moreira@gmail.com.